



## Ingenua contemplação

(Phot. de Viriato da Silva)

PROPRIETARIO

*joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Vêr na pagina immediata*

Numero avulso 60 reis

Numero 117

Braga, 25 de setembro de 1915

Anno III

## CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Portugal e colonias (1 anno)	2\$400	Estrangeiro (1 anno) . . . .	3\$000
« » (6 mezes)	1\$200	» (6 mezes) . . . .	1\$500
» » (3 mezes)	600	Numero avulso . . . . .	60

*A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas*

# Frigideiras e Restaurante

## Casa do Cantinho



**Largo de S. João do Souto**

**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo

e acreditado n'este genero



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

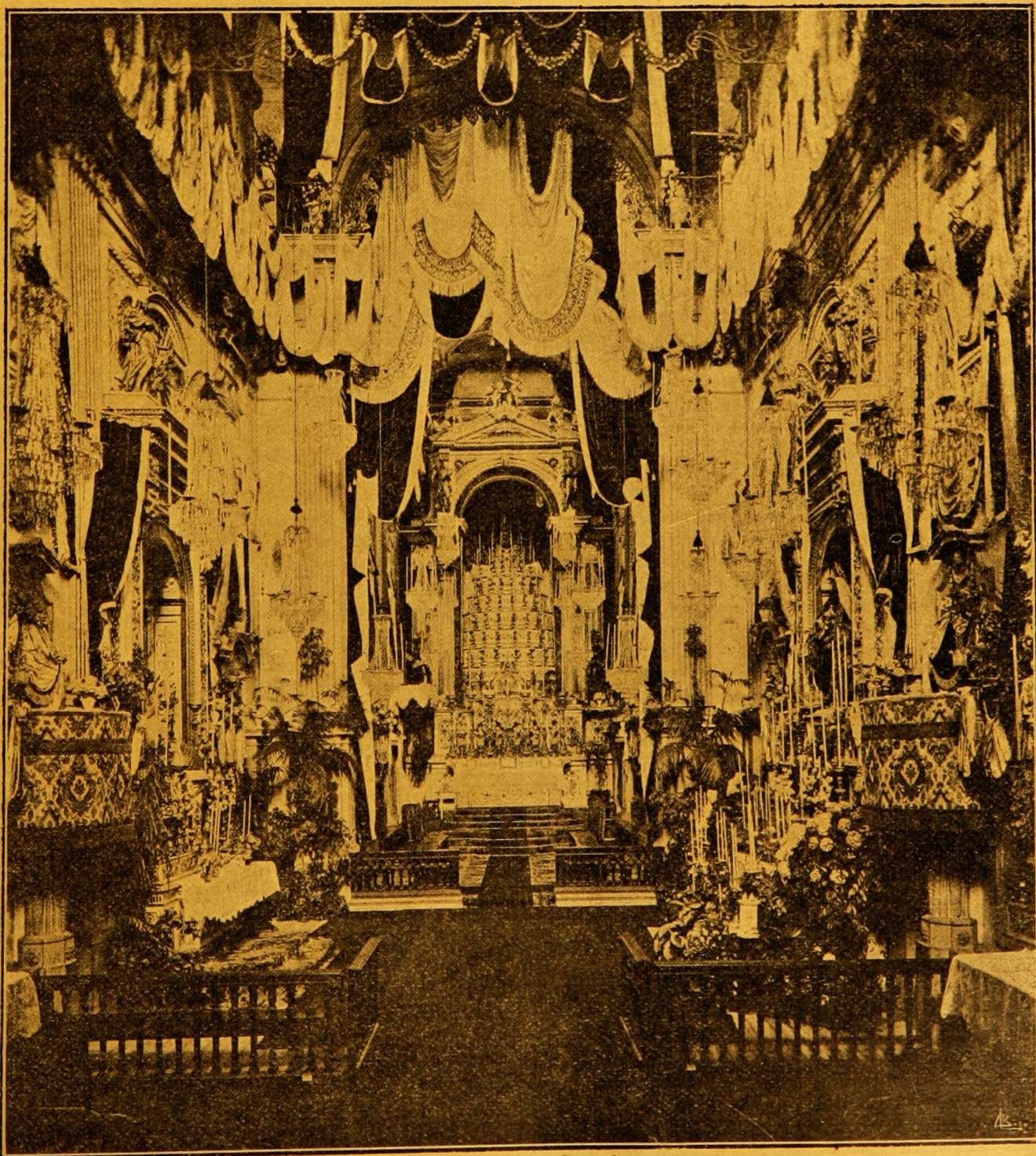
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 25 de setembro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 117—Anno III



PORTO — Festividade em honra da Rainha Santa Izabel, na Igreja de S. Francisco, sendo juiza a Ex.ma Snr.a D. A. F. L. Barros Lima

## MÊDO E MÊDO

AINDA não está obliterado de todo o senso das formulas expressivas em Portugal! Não sei se este favor o devemos ao cáco poderoso do profundissimo sr. Cabreira, que tem agora uma Academia, O certo é que o segrêdo das fórmulas expressivas não se perdeu em Portugal. Tanto assim, meus senhores, que ainda ha dias uma gazêta de Lisboa definiu a zaragata hãvida no Terreiro do Paço quando o sr. Estevão de Vasconcellos—esse grande homem, como dizia o conselheiro Accacio que deixou filhos na Republica—telephonou para o gabinete do sr. José de Castro a annunciar-lhe uma revolução p'ró meio dia, usando da formula seguinte:

*Boatos + Alarme = Mêdo*

E a formula é veridica. Portugal é o paiz da *entrega das espadas* (uma formula que ao Saldanha esqueceu) mas é tambem o paiz do *mêdo*, terrivel dença a que o povo sóe dar um nome mais sonôro e mais... cheiroso que não me atrevo a reproduzir para não arrelhar o meu vizinho que entende que ter graça é escrever sem offender a pituitaria!...

Não fallo já do mêdo como grande factor psychologico na politica, visão sombria de phantasmas que transforma a vida do governante de hoje n'um pesadêlo contumaz e soffocante, quasi em permanente mania de perseguição. O mêdo portuguez tem estes caractêres, sem duvida, mas outros mais, creados pelas circumstancias historicas em que elle appareceu ou recrudescer, nascidos do meio onde o mêdo se implantou dominador, presago, nojento e ridiculo, ao mesmo tempo.

As circumstancias historicas são conhecidas; uma minoria audaz e limpa de escrupulos, como convém, fallou alto de mais

a toda uma sociedade amollecida no sybaritismo pôdre de oitenta annos de rotativismo escandaloso, sociedade sem convicções e sem nexo que vivia apenas porque os politicas se mexiam, que tinha apenas duas ideias ou antes dois vicios: o vicio de tocar o hymno no 24 de julho e est'outro, muito menos inoffensivo do que aquelle, de dar vivas á *Liberdade* e pedir a cabeça dos jesuitas... Essa minoria fallou alto, disse a essa sociedade; ponha-se já no olho da rua! e como na historia commoventissima do Zé do Telhado, as familias assustaram-se e perguntaram aos audazes o que era preciso para elles ficarem satisfeitos, em vez de chamarem a pôlicia e apontar-lhes no caminho da entrada o da sahida. Foram estas as circumstancias historicas e as do meio apenas divergem d'ellas em que agora o mêdo chegou tambem aos que mandam, os

quaes por isso deliraram em plena crise de loucura jacobina.

O leitor poderá ficar *varado* com estas deducções, mas ahi está o caso da venda de Palazzola e do Instituto de Santo Antonio em Roma a crear-lhes raizes fundas, a mostrar-nos que o mêdo portuguez já attingiu a phase em que a originalidade o consagra e notabilisa.

A venda de Palazzola é um caso de mêdo e mêdo do governo e mêdo do parlamento, mêdo do poder todo, emfim. Na revolução franceza como nos regimens radicaes contemporaneos, nós encontramos o mêdo sob outras formas, o mêdo provocado pela divergencia de ideias. O actual medo portuguez é outra coisa. A venda de Palazola sendo mêdo, é outra coisa muito diversa do mêdo á Igreja, por exemplo. E' apenas o mêdo do governo deante dos bandos que julgam ter soado a hora do saque, ou querem que ella sóe definitivamente, porque nos cinco annos que mediãram entre a 1.<sup>a</sup> e a 2.<sup>a</sup> republicas não comeram á farta. E precisamente porque esses bandos são constituídos ou formados pelos *arrematantes* do regimen (como dizia ha dias o revolucionario Lopes d'Oliveira) pela gentalha importante, pelos *homens de negocios*, o governo que vive dos balões de oxigenio que esses bandos lhe ministram, o governo que manda e é mandado por elles, tem-lhes mêdo e para evitar que o devorem, atira-lhes p'rá dentuça hianfe, ameaçadora tudo o que tem á mão.

Assim é que o governo e o parlamento inventaram agora a *legalisação* da qualidade de revolucionarios, assim é que se explica... a venda de Palazzola. Esta não traduz que o governo tenha mêdo a da Igreja, mas que o governo tem mêdo de que os bandos, á falta de melhor, o papem,—que é diferente.

A venda de Palazzola é um crime de lesa-patriotismo, um sacrilegio e uma offensa? Certamente. Mas é sobretudo um *negocio mesquinho*. Foi assim que a definiu a *Capital*. Ora, desde que a imprensa radical encara um acto de falta de patriotismo como um *negocio*, e demais a mais mesquinho, evidentemente que elle só pode sêr explicado por mêdo do governo, dos bandos que vão negociar...

E então eu abro os *Gatos* (vol. 1.<sup>o</sup> pag. 50) e leio em alta voz o que Fialho escreveu no tempo de D. Fernando:

«—Aqui d'el-rei! Isto é uma liquidação geral nos bens do povo; um saque trinta vezes mais vil que o de Junot; uma exopecia de furto, mais audaciosa do que a historia celebre de Ali-Baba, onde tambem figuram cavernas de riquezas, um poderoso chefe e quarenta ladrões. As preciosidades foram arroladas, mas os quarenta ladrões multiplicaram-se e por ahi continuam a saquear até ao fim!»

Isto escrevia o Fialho quando se *limpavam* os conventos; que diria elle hoje que já não ha frades a *limpar*, mas em compensação ha muito mais... *hoc opus, hic labor est!*

F. V.

# VIDA INTENSA

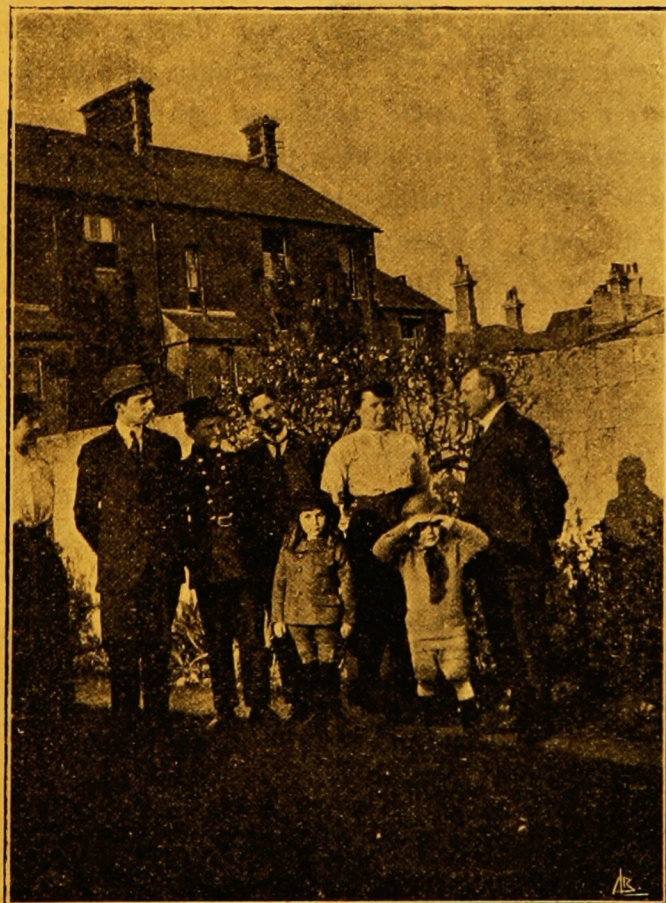
## Miss Philimore



minha alma ajoelha contrita, humilde, supplicante, darling: perdão!

Perdão, sim, porque me pesa ve-la ressuscitar, quebrar o mysterio do tumulo, desfazer em fumo essa morte heroica, artistica, sublime, que me parecera bem, logica, digna de si, quando este inverno o «Figaro» me noticiou laconicamente a sua morte, longe, na velha Flandres, ao serviço heroico d'uma ambulancia Belga.

Chorei-a, deplorei-a e aqui lhe fiz o recordar galante das suas aventuras e dos seus nervos. Assoalhei os seus caprichos e a sua casa de Hespanha, aquella adoravel, acolhedora granja, sumida entre a renda verde das oliveiras como o seu caracter, perdido entre a nuvem perturbadora dos seus caprichos. Relembrei o seu espirito e o seu chá admiravel, regalo amoroso d'um mandarim, que o cultivava nos hortos religiosos d'um pagode sagrado. Devo-lhe, caprichosa amiga, horas incertas de amargura, porque chorei a sua morte, com sinceridade, com a mesma triste e amavel ternura, com que lamentaria a destruição do seu Budha de jade, ou uma das suas *Tanagra*s leves. Passei a minha saudade pela sua casa deserta, a lamentar todos aquelles *bibelots*, joias, quadros, artisticas inutilidades que enchiam o seu *haall*, o seu museu, archivado, colleccionado, ao arbitrio rebelde, dos seus nervos, e que era afinal como o scenario bisarro do seu caracter incomprehendido...



NA BELGICA—Um grupo internacional.  
O snr. Dr. Arthur Bivar e seu filho Fernandinho  
com varios amigos belgas

Chorei-a sentidamente, porque a minha agradavel Miss era para mim, uma boa recordação, era com a sua franca, terna amisade de companheiro, a lembrança feliz d'uma *etape* deliciosa, e não resisti,

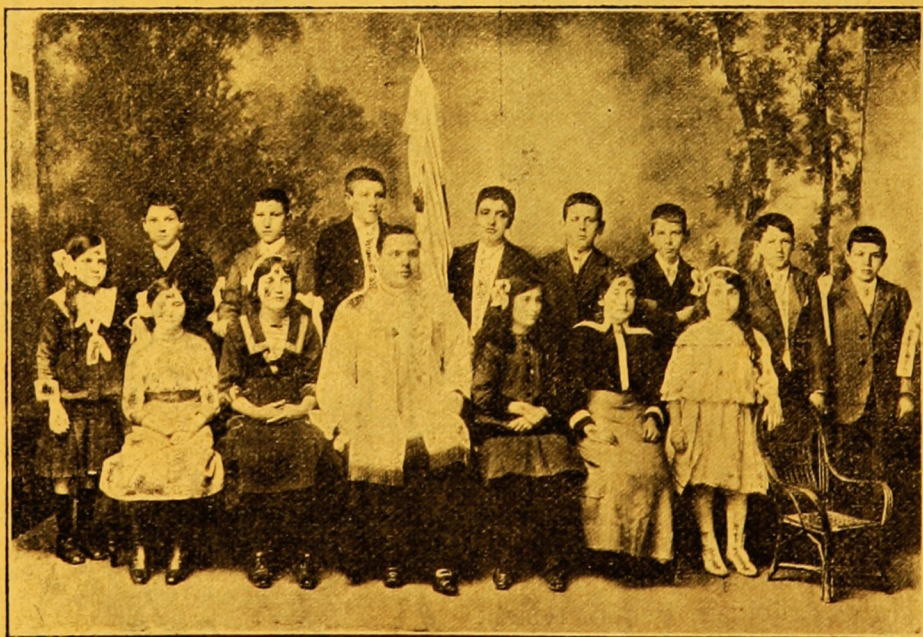


perante o seu tumulo, de fallar do seu espirito, do seu caracter admiravel mas incomprehensivel. Ninguem a comprehendeu; ninguem a soube pintar. Todos os seus retratos são abominaveis, mesmo aquella *sépia* extranha, do soffredor e misantropo inglez, que o seu amor enlouqueceu. Tem sonho, mas o sonho nervoso, apaixonado do pintor... De si nada; nem um traço, nem uma semelhança... Elle pintou um ser irreal, — um anjo se quer, — como elle a via, atravez do seu amor, da sua loucura, e a minha querida, caprichosa Miss Philimore, é bem uma mulher.

*Fragonard* pinta-la-hia se vivesse. Só elle saberia fixar o que ha-de subtil, de elegante, de sobrenatural quasi, no seu hellenico feitio incomprehendido! Só elle, o grande retratista da delicadesa e da mocidade poderia marcar a eterna mocidade do seu espirito, a surpreendente mocidade da sua belleza.

É era por isso que eu achava grande a sua morte, lá longe, entre gemidos e pragas, sob a chuva da metralha e sentia, que era seu, que era artistico, o fim entre os escombros d'uma trincheira, as mãos ainda tremulas das caricias repartidas, o sorriso ainda consolador e bom, no meio d'essa hecatombe olympica de illusões, sonhos, vidas, escombros, ruinas, cadaveres e cacos, heroismos e pragas, serena, extendida, o sangue em borbotões, avermelhando o corpete, n'um peitoral de purpura como o dos velhos Basileis.

É assim não sei se chore, se ria ao ve-la



*Caminha—O Rev. Parocho Domingos dos Anjos Amorim com os meninos da Primeira Communhão e a Associação da Doutrina Christã*

hoje resuscitar para mim, no relato do meu jornal que lhe refere uma nova aventura.

Agora, a caminho de Gallipoli?! Mas por Deus não se deixe morrer burguezmente no mar, victima d'um submarino como qualquer tonelada de conserva ou qualquer fazendeiro bilioso do Chili... A Gallipoli? Mas a que nova, admiravel, extranha aventura vae ainda arrasta-la o seu capricho, Darling?!

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

## O Minho atravez da photographia

∞∞

**U**M dia que tu, leitor, esfalfadissimo pelos afazeres da vida commercial, entediado pela lucta da fabrica, moido pela soalheira do campo, quizeres dar treguas a tantas e tão variadas sobrecargas da vida intensa do seculo, para arejar o espirito, sae da maçada da conquista do pão e atira-te por este Minho, agora no outomno, em que o ar deve estar diaphano, sem ideia de lères jornaes e sem mesmo a companhia de um livro...

Encaderna-te modesta e commodamente em uma roupa de brim folgada e fresca, e começa a vêr tudo quanto tens na tua terra, digno de ser apreciado, estudado e meditado!

Disse uma senhora, se a memoria me não compromette, allemã, e que tinha corrido as sete partidas do mundo, que nada tinha visto na terra que a impressionasse tanto como as provincias do Minho e da Galliza.

Começa por exemplo, a descrever Barcellos, «que dá a mão pela ponte a Barcellinhos» e, depois, toda ella é uma fina aguarellista, cheia de originalidade.

Refere-se ás videiras de enforcado, escrevendo «que sobem pelas arvores n'uma



*Enterro em Castro Laboreiro*

ancia indefinida como que a [querer dependurar os cachos no azul do firmamento]!

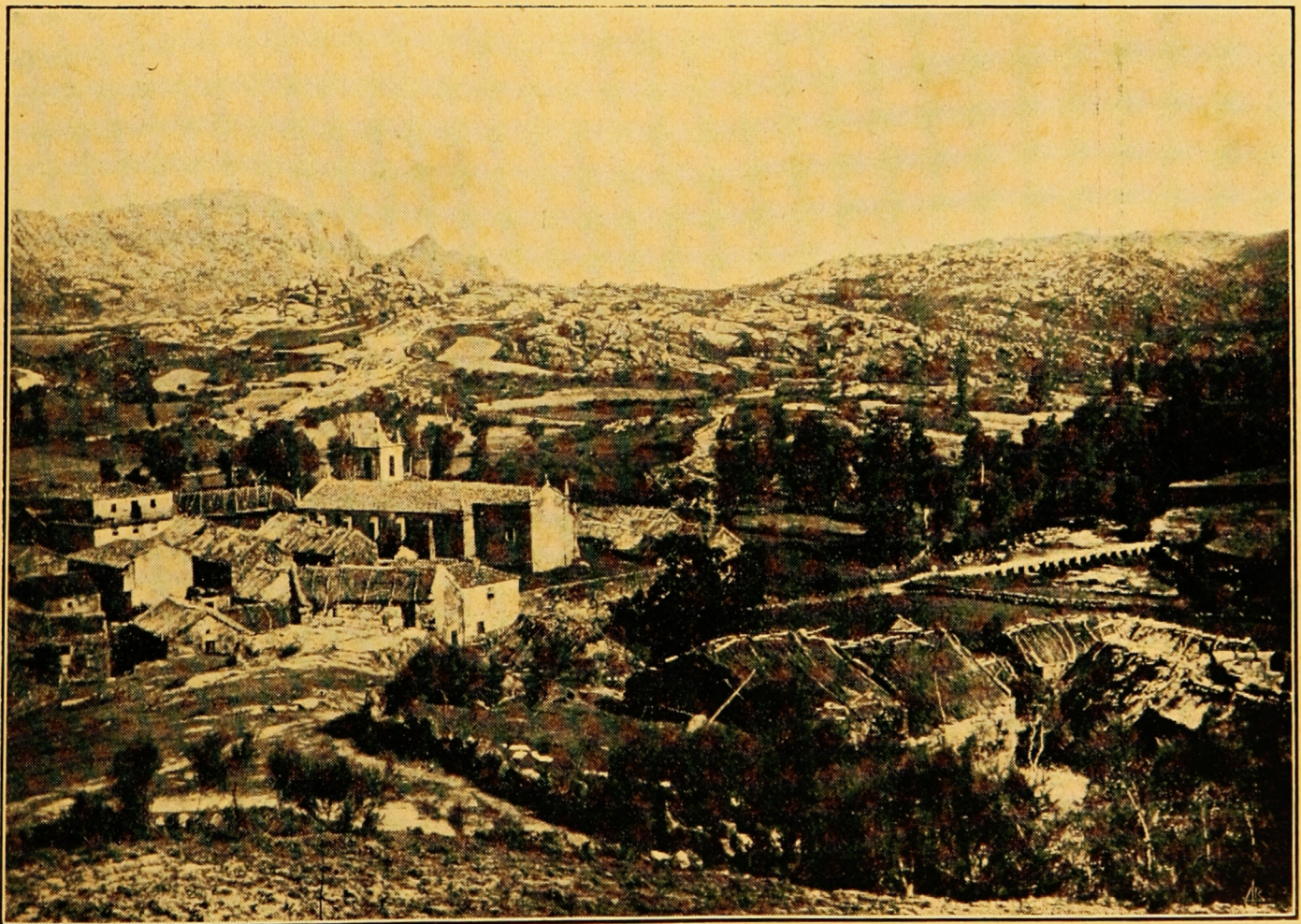
Leitor: toma tento. Arredate da politica-gem, que não te adianta caminho. Aqui me tens, republicano authenticamente historico, que troca a mais lyrica oratoria do Antonio José de Almeida ou todas as ironias picantes do Brito Camacho, pela paisagem d'esta bembfadada região do Norte! Podem ser de fama as peças de tão inclitos varões, mas não valem por um só portico,manuelino,por um retabulo á D. João V

ou por um cruzeiro toscano a dominar a doçura de um outeiro.

Mette-te no comboyo. Sae em Lapella, atira, a meia duzia de passos da estação, com o olhar para a torre que ali parece varrer as nuvens e detem-te a vêr uma corôa portugueza com nove castellos! Depois vae seguindo por Monção afóra até Melgaço. Aqui chega-te a gente que te comprehenda, que te dê grandissimas dôses de bom humor... Olha para o grupo da nossa comitiva prêstes a abalar para terras de Castro. N'elle vês o delegado do procurador da republica, um dos medicos do partido municipal, um escrivão de direito, um ne-



*Um aspecto de Fiães — A caminho de Castro*

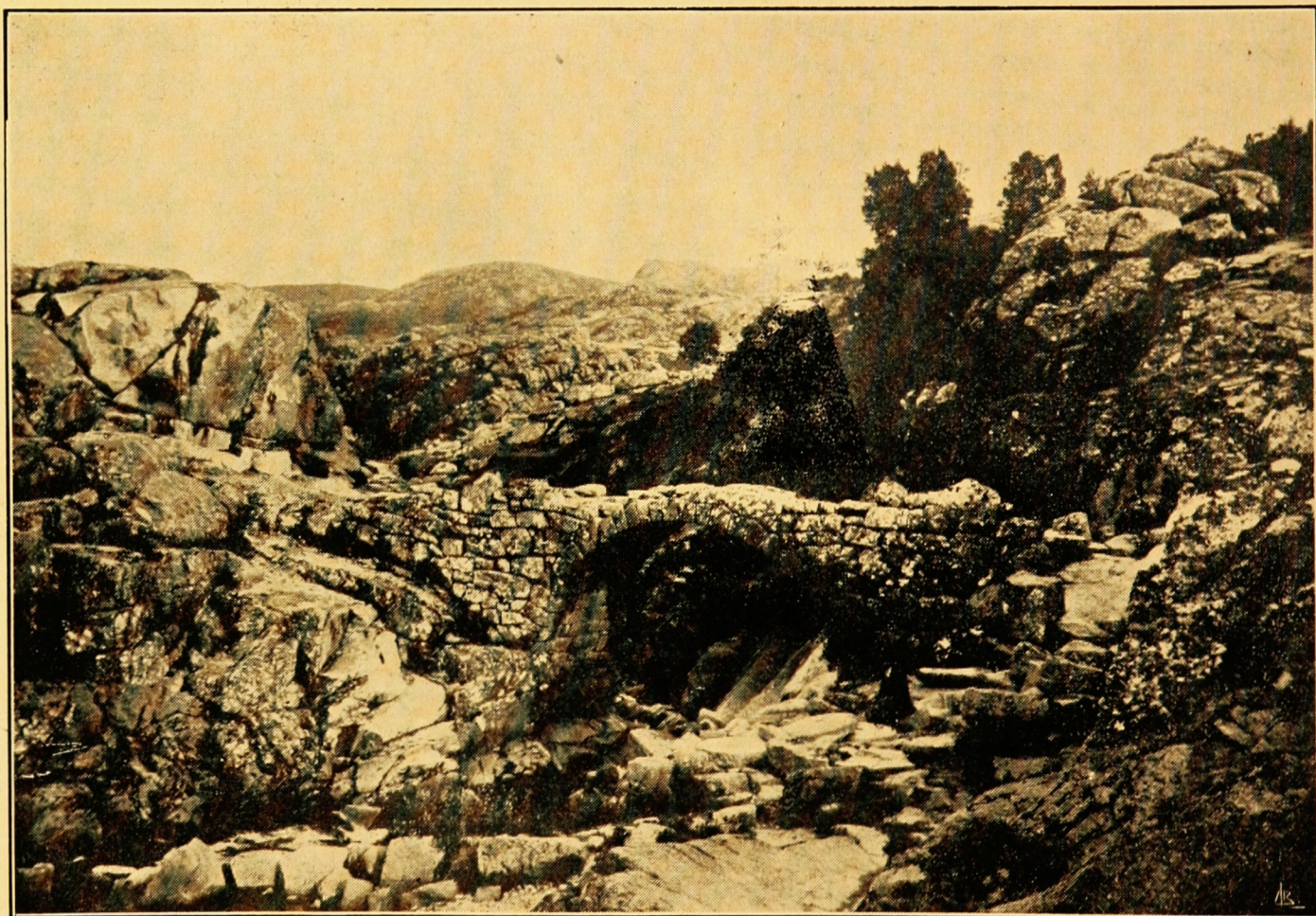


*Castro Laboreiro*





*Excursão presídida pelo snr. dr. Silva Telles*



*Ponte em Castro Laboreiro*







*A excursão a Castro—Grupo organizado pelo nosso representante*

(Phot. de A. Soucasaux)

gociente de pezo e um *photographo de fina sociedade*. Lobrigas tambem as Castreiras, essas pobres creaturas que conhecem a região que vamos percorrer, coitadas! às vezes sob sol capaz de produzir meningites, sob chuva impiedosa, ou geada deshumana. . .

Castro Laboreiro! Quantas pênas te têm descripto! no entanto, quantas paginas ineditas ainda possues! Desde a fêvera do teu toucinho de renome, até a variada e infinita perspectiva dos teus quadros em que ha matises encantadores. . . Ah! quem me dera ouvir a miude as canções que as tuas aguas vêm desdobrando pelas tuas quebradas, em noites quietas, quando as carvalheiras nem sequer ramalham. . . .

Ainda ha dias uma formosa e radiosa comitiva organizada pelo abalisado homem de sciencia dr. Silva Telles, quebrou a quietude da zona, em referencia, abalando para a Peneda, Suajo e Castro, na qual se contavam os snrs. Drs. Silva Telles e José Maria Rodrigues, professores da Faculdade; alumnos do 4.º anno: D. Josephina Tocha, Raul Navas e Armando Quartín; do 3.º anno: D. Beatriz d'Almeida,

D. Esmeria de Souza, D. Adelaide Saramago e Armando Valle; do 2.º anno: Correia Monteiro, José de Moura, Antonio J. Gonçalves, Eduardo Alves de Moura e Ferreira Lobo.

Tomaram tambem parte na excursão o dr. Gonçalo Sampaio, professor de Botanica da Faculdade de Sciencias do Porto e o dr. Antonio Machado, assistente da mesma Faculdade.

A photographia que lhe diz respeito, melhor do que a penna, acena se não te apetece, leitor, sahir da vida de éculeo dos grandes centros em que de mistura com cerveja derrancada, se discute uma politica morrinhenta, sem interesse e sem ideal!

Quem me dera envelhecer, (disse eu um dia, a um amigo, dos vultos de maior evidencia na nossa provincia) n'um lugar como os que vi, com muitas arvores, muito sol e poucos homens. . .

Ancora, 11—9—15.

AUGUSTO SOUCASAUX.

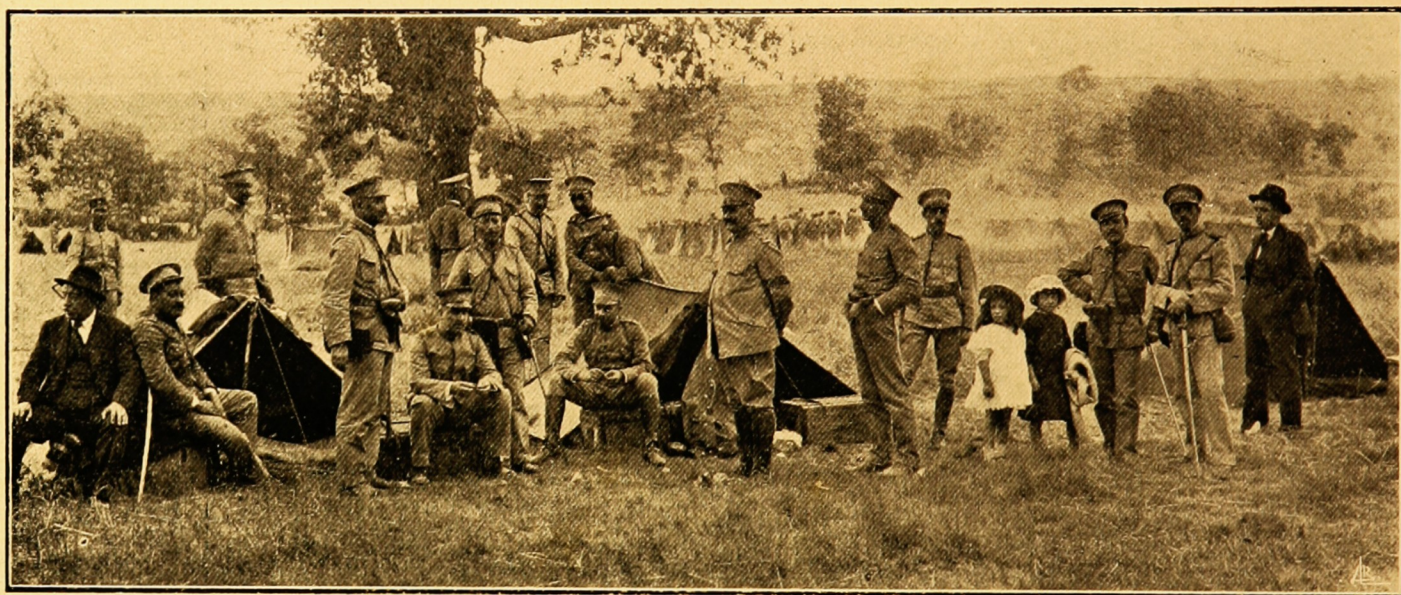
# Na Guarda -- Infantaria 12

Escolas



de  
repetição

*Bivouac na Arrifana — Fazendo o rancho*



*O regimento em descanso*



*Bivouac na Arrifana — Officiaes em grupo*



*Jantar dos officiaes no bivouac da Arrifana*

# ESPINHO--Batalha de flôres



1—Esperando os carros

2—Um carro ornamentado

3—Um interessante carrinho

4—Combate renhido

5—Destroços da batalha

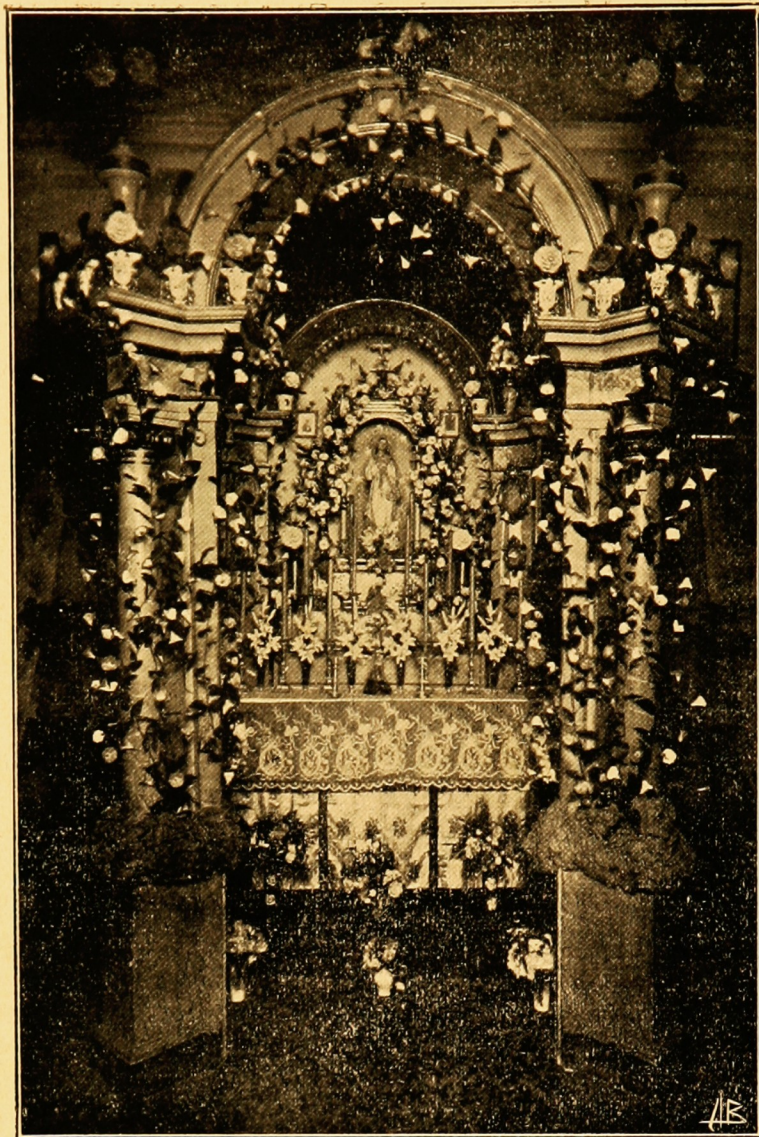
6—Automovel das nações aliadas

7—Combatendo

8—Para a linha de fogo

(Phot. J. Azevedo Ill. Cath.)





PORTO—Capella particular do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Alfredo Pereira

## Padre Antonio Vieira



NÃO sei onde li, mas foi decerto em algum jornal verde-rubro, que o Padre André de Barros, ingenuo ou velhaco, andou a forragear nas lendas da Companhia de Jesus infantis patranhas sobre a vida do Padre Antonio Vieira. O articulista deslombando em estylo implacavel os famosos Jesuitas — que eu tanto tempo não comprehendí na sua sublime missão historica, admirada, afinal, por Augusto Comte, muito antes da influencia sentimental de Clotilde de Vaux — esvurmava, a proposito, cruezas, rigores de espirito critico e descabellados sarcasmos que decerto o glorificaram até 1910, pois que, se é o publicista que julgo, representa hoje um tubarão de respeitavel appetite e bojo, o que não succede á misera maioria dos publicistas, mesmo jacobinos, energúmenos e fortes.

Infelizmente, o quasi Taine es-

queceu-se de estabelecer principios e, fallando muito em positivismo, nem por sombras deu signal do methodo benemerito que deve ser ufania, credo e bussola dos fanaticos pela, aliás lucida, classificação das sciencias, devida a Comte. Disparou toda a velha artilharia de Ferney.

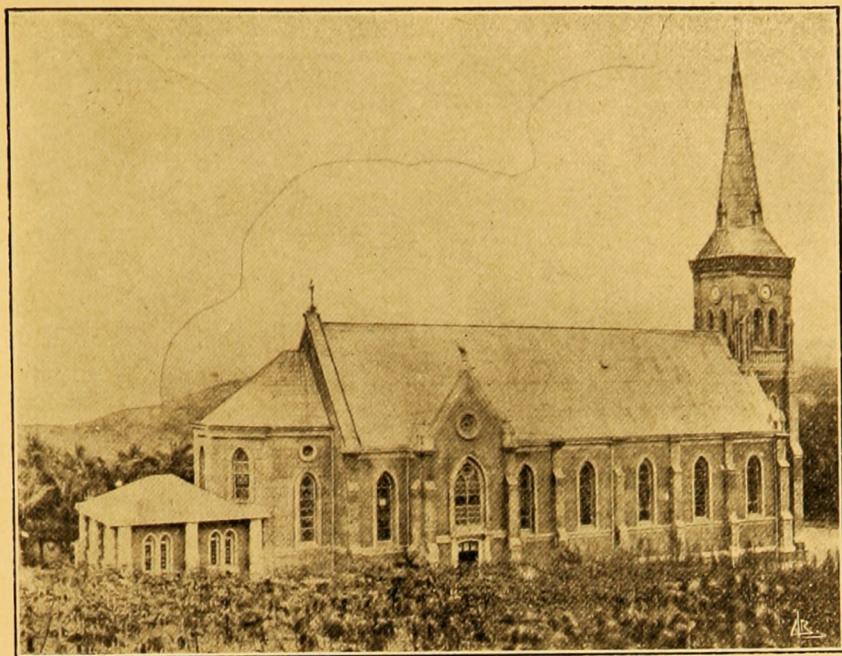
Expoz, traduzido com gana, o libello de Fernando Garrido. Emfim, n'um hymno de liberalismo alegre, amarrou-se ao estandarte do livre-pensamento, desfechando uma ode pindarica—embora em prosa muito apressada — a Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras e Marquez de Pombal, o *omnipotente ministro*, no dizer frequente de Almeida Garrett, de Rebello da Silva, e menores.

Salvo o erro, tanta fusilaria nada prova contra as suppostas patranhas do Padre Barros. Nem um só argumento adduz, limpo e fecundo, contra o prodigio da appareção d'um anjo ao jovem Antonio Vieira, quando este se perdeu na jornada á aldeia de S. João (*Vida do Apostolico Padre Antonio Vieira, Liv. I, XVII-XIX*). E, quanto a outros prodigios, historiados pelo Padre Barros, ainda fez menos — ou mais — porque os falsificou na essencia e nos pormenores.

Tudo isso, porém, lhe perdôa a Verdade e a Fé. Assim fôsse perdoavel o hymno desafinado ao pobre Marquez, um dos mais afortunados mediocres que têm engrampado os echos da fama, cobrindo com a sua cabelleira de actor sanguinario uma razoavel falta de miolos (collectiva) e a muita lama que, desde o senhor D. Pedro II, hercules e D. Juan, preparava a patuscada rhetorica que temos desde 1820, dando Leonidas triumphante no Mindello, dando Roldão na Rotunda e Bonaparte (com figados de Nelson) no immortal 14 de Maio, salvação definitiva da Patria e da Republica.



VIDA COLONIAL—Congo Portuguez. Landana. O estabelecimento dos snrs. Rodrigues & C.<sup>a</sup>



VIDA COLONIAL—Landana. Egrejas da Missão



LANDANA—Os srs. Alvaro Costa, Antonio B. da Costa e Fernandes Gomes do Amaral

\*

o

Antonio Vieira, que acabou o noviciado a 6 de Maio de 1625, aos 17 annos escrevia em latim as *Cartas annuaes para se mandarem a Roma* — diz o Padre Barros — por ordem dos seus superiores. O grande genio, que se chama o Marquez de Pombal, não só não foi capaz de aprender a lingua ingleza, apesar de ser nosso diplomata em Londres durante sete annos, mas até nunca logrou escrever em portuguez limpo de solecismos, com propriedade, pureza e elegancia.

E Antonio Vieira, nunca sonhando decerto o esplendor proximo futuro do demolidor da Companhia de Jesus, a esta devotava tanto a sua alma, que nada admira ver que os Superio-

res, galardoando-lhe o genio e a fé, lhe dessem a cadeira de Rhetorica no Collegio de Olinda. O que assombra, sim, é o grande professor que logo se revelou Vieira. Não era só o lente, era o vidente. A' vastidão dos conhecimentos alliançava a mais genial profundeza. Foi então que Vieira dictou um celebre e originalissimo commentario sobre as tragedias de Seneca, e outro, não menos penetrante, sobre as *Metamorphoses* de Ovidio.

N'aquella edade, o senhor conde de Oeiras, de durindana á cintura e o violão na dextra, cantava o fado nas viellas de Lisboa, mal imaginando que tanto vigor e gentileza (na vida félicita de tavolagens e bordeis) dariam o estadista que, desde 1882, é o porta-bandeira de todas as duvidosas democracias portuguezas... e adjacencias.

\*

Não tinha Antonio Vieira ainda vinte annos, quando fez o seu *Commentario Litteral e Moral* sobre Josué e outro sobre o *Cantico de Salomão*.

Talento e saber fulguravam já no moço jesuita com abundancia bastante para inundar os encephalos de uma duzia de Sebastões de Carvalho, o que não quer dizer que a Companhia de Jesus, possuindo, entre outros grandes homens, tão auspiciosa individualidade, não tivesse um dia de ser pisada em Portugal pelo supposto genio do aventureiro que foi o Colbert do senhor D. José I.

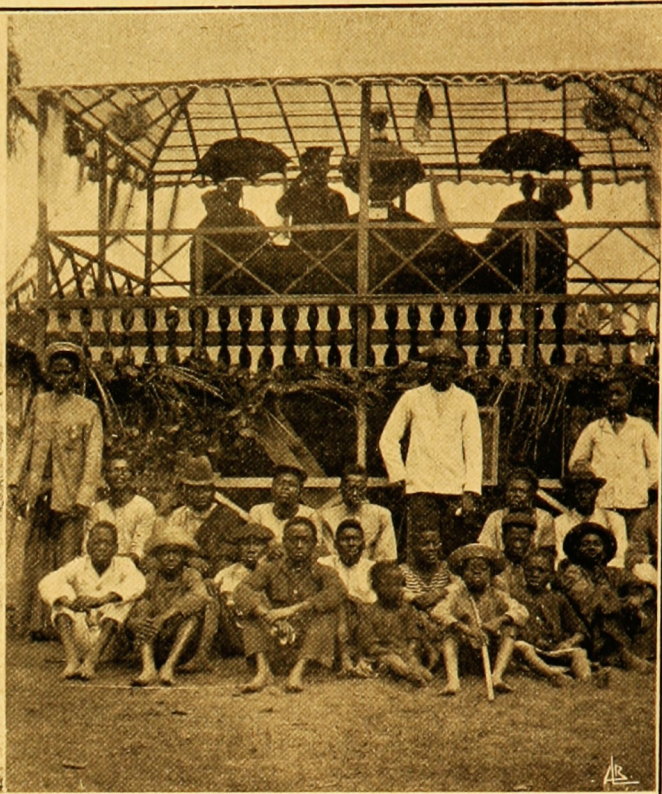
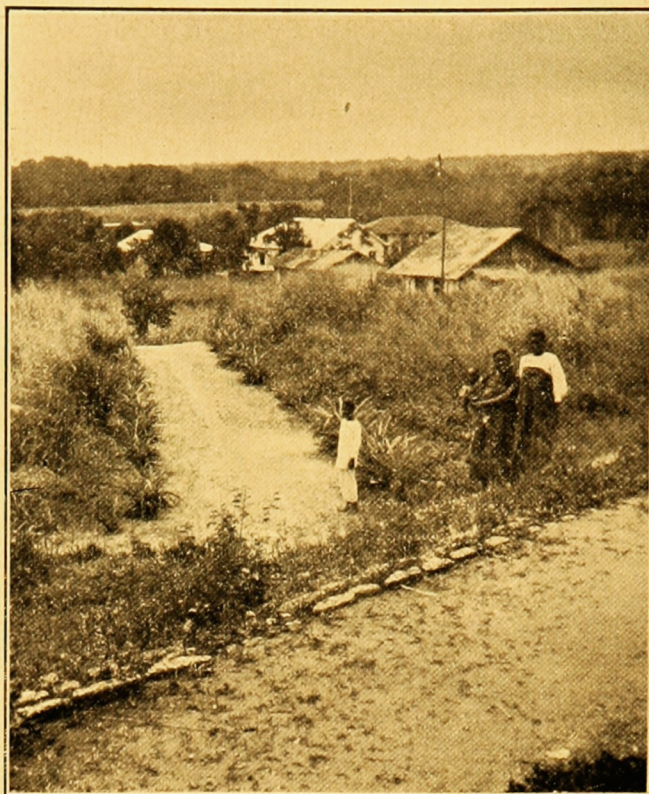
Mas, se Antonio Vieira, na primavera da vida, já valia mentalmente muito mais do que o Marquez valeu durante a sua vida toda — mesmo admitindo como *seu* o que lhe ensinaram, ao vê-lo falto de ideias sólidas, até para o mal, o cavalheiro de Oliveira, Alexandre de Gusmão,



LANDANA—O snr F. M. Amaral, socio da firma Rodrigues & C.<sup>a</sup>

o





## VIDA COLONIAL

*Paysagem de Landana—  
O estabelecimento A. Rodrigues & C.*

*Cacongo—Mausoleu do Chefe  
de Malembo*

Verney, Ribeiro Sanches, etc. — a sua superioridade moral, em annos tão propícios a paixões, é, mais do que assombrosa, tocantíssima, genuinamente angelica.

Na idade em que Sebastião José rufiava e se corrompia, dando honras de Aspasia ás mancebas da Mouraria, o Padre Antonio Vieira pensava com ardor na conversão dos indios da America e da Africa e, preparando com criterio e sinceridade a sua carreira de missionario, aprendia profundamente o tupí e as varias linguas de Angola.

Sebastião de Carvalho, aos 20 annos, ullulava, pelas sombras nocturnas da capital, as coplas eroticas que aprendera nas orgias dos herdeiros mentaes d'aquelles miseraveis que dementaram e trahiram D. Affonso VI; o Padre Antonio Vieira, n'essa mesma idade, sonhava, como Santo Antonio de Lisboa, uma vida de heroismo apostolico, e talvez que lhe vibrassem na alma pura e ardente aquelles versos dos *Luziadas* (Canto VII, IX):

*Não vêdes a divina sepultura  
Possuida de cães que, sempre unidos,  
Vos vem tomar a vossa antiga terra,  
Fazendo-se famosos pela guerra?*

\*

Q muito, em Antonio Vieira. Aos 17 annos, a pronunciou com adoravel jubilo d'alma o futuro grande prégador e escriptor. Depois, durante cinco annos, percorreu os sertões do Brazil, estudando a linguagem, as crenças e as usanças dos Indios, *anhelando* — escreve o Padre Barros — *a conversão de toda aquella Gentilidade*. Que anhelaria em egual idade Sebastião José de Carvalho e Mello? Parece que pouco mais do que um palco para declamar pessimas ódes anacreonticas, feitas por vates vadios ás enlabezadas Phrynés da Lisboa decadente.

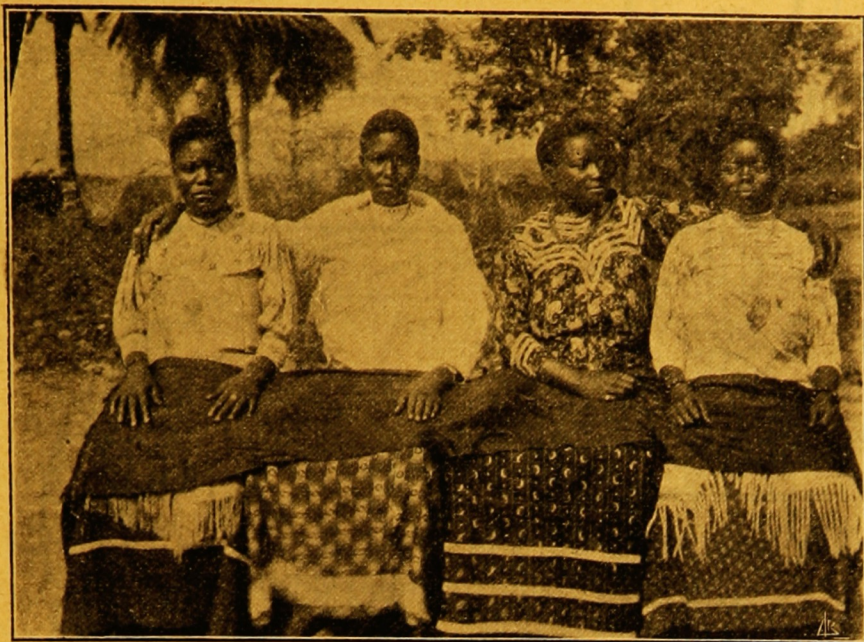
E a vocação heroica de Antonio Vieira não era quixotismo comesinho e grotesco. Posso afirmar, de coração nas mãos, que nada se parecia com a de alguns nossos contemporaneos, guerróphilos e gerimanophobos, que declaram ás gentes estarem a arder por um logar perigoso nas trincheiras da França, embora resolvidos no intimo a não darem á familia e aos amigos o acerbo desgosto da sua ausencia.

Antonio Vieira já pedira a seus pais licença para missionar. Não o attenderam. Resignou-se com mágua, mas não desistiu do sonho.

Na Companhia de Jesus, pensando porventura no modelo angelico de S. Francisco Xavier, renovou os esforços para poder ir pelear no apostolado.

A vocação de missionario affirmara-se, ha

O renome excellente que já tinha nas letras



VIDA COLONIAL—Landana, Mulheres da região de Malembo

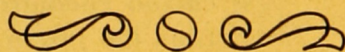
(Phots. de Alvaro da Costa)

apavorava-o com os rebates da invasão d'um orgulho, aliás, tão nobre como lidimo. A's glórias de professor eminente preferia elle, e cada vez mais, a obscuridade heroica do apóstolo de Jesus-Christo em regiões selvagens, affrontando intemperies, perigos, lances de muito varia fortuna.

NO

bem), escrevia, diziamos, *preferir o pão de milho de Soure* ao papel de espião... em Londres, outhorgado pelo governo do senhor D. João V? Pobre homem de genio!

JOSÉ AGOSTINHO.



GUIMARÃES—Collegio Academico. Campo da Misericordia

Este antigo e conceituado Collegio, vae abrir no futuro anno lectivo no vasto palacete da familia Couto, a dois passos do lyceu. Possui amplos salões e grande terraço para recreios ao ar livre. Dirigido superiormente pelos nossos amigos, Snrs. Dr. Alfredo de Oliveira de Sousa Peixoto, ornamento da clinica vimaranense e Luiz Gonzaga Pereira, que tem gasto metade da sua vida dirigindo os passos á mocidade estudiosa, auxiliados por sacerdotes sabedores e virtuosos, este Collegio impõe-se pela optima educação moral que alli se ministra, a par da educação litteraria escrupulosa e consciente, sob uma disciplina sua-va ao alcance das mais tenras idades. O resultado foi brilhante no findo anno lectivo—63 *aproveições* com 18 *distincções*. A's familias catholicas o recommendamos, certos de que lhe prestamos um bom servico.



## A lenda da "Guzla.,

A' que vibra em suas cordas

Soneto de F. Villaspesa, poeta castelhano

Virgem rainha que morreu d'amores,  
rosal que sem dar rosas, tão incerto,  
mirrou, mandou aos fieis servidores  
que em feretro de sandalo, coberto

e ungado de balsâmicos olores  
seu coração á bôa esperança aberto,  
fossem a enterrar entre as flores  
no mais remoto oásis do deserto.

Um peregrino que d'amores gemia,  
o caixão encontrou abandonado ;  
cordas lhe pôz a vêr como tangia . . .

E assim surgiu a *Guzla*, alma sonora  
onde ha muito que pena amargurado  
um insepulto coração que chora !

Versão livre de

F. D'ALMEIRIM.

## Crepuscular

A' hora do sol posto, hora silente  
De avemarias tristes de saudade,  
Quando é mais doce e frouxa a claridade,  
E o coração aspira anciosamente:

E quando a Sombra estende mansamente  
A longa trança em meia escuridade,  
E o Ceu está a maior profundidade  
E ha colgaduras d'oiro no Poente:

Quando o orvalho do sonho nos alaga  
E deixa o coração maguado e triste,  
D'uma tristeza inspiradora e vaga:

E' a hora em que a Poesia nos assiste,  
Nos beija, nos consola, nos affaga  
E nos segreda a Ventura existe.

1915.

JOÃO AVELINO.



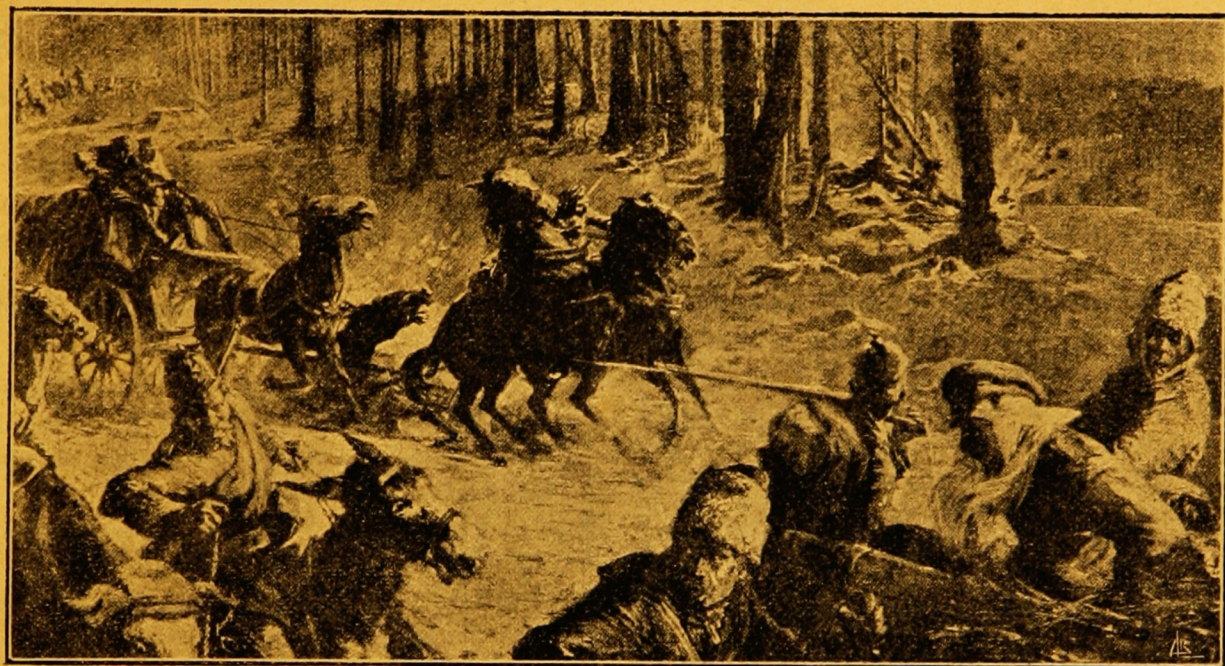
# A guerra europeia



1—O Grã-Duque Nicolau, Vice-rei do Caucaso.

2—A retirada russa.

3—Prisioneiros alemães na Rússia.



# Anecdotas • historicas

## Ditos • e • pensamentos



### D. Francisco Manuel e a freira

NO mosteiro de S. Salvador vivia uma freira muito dada ás letras e com quem gostavam de conversar todos os fidalgos da côrte, onde era sobremaneira fallada. Notou ella, porém, com bastante desgosto, que D. Francisco Manuel de Mello não formava na linha dos seus admiradores, e um dia que este illustre escriptor se achava no convento para assistir a uma profissão disse-lhe, encobrando o nome:

—Admiro-me que sendo v. mercê um fidalgo tão entendido não tenha procurado fallar com a madre X. . . , de quem dizem é a freira mais intelligente d'este convento.

—Senhora, a todas v. mercês estimo egualmente, e tambem tenho assentado commigo que o entendimento da mais discreta mulher chega a saber accomodar com acerto um bahú de roupa.

Dissimulou a freira e em toda a tarde apurou todo o seu engenho para deslumbrar D. Francisco Manuel. Na despedida, descobriu-se e disse o seu nome.

—E agora, senhor D. Francisco, quero saber se na opinião de v. mercê poderei tambem arrumar com acerto um bahú de roupa?

Respondeu o auctor da *Carta guia dos casados*:

—Minha senhora, pelo que tenho ouvido poderá v. mercê arrumar dous bahús.

### Um ingrato e cem descontentes

Queixando-se um pretendente a Luiz XIV que havia um anno que requeria um logar, e que por fim o ministro lhe dissera que por ordem de sua magestade o logar não tinha de ser provido, el-rei respondeu:

—Não ha duvida que assim o ordenei, porque cada vez que outhorgo mercê faço cem descontentes e um ingrato.

### A aúra popular

Quando Cromwel fez a sua entrada triumphal em Londres, um amigo observou-lhe que reparasse nas saudações enthusiaslicas da multidão. Cromwel respondeu desdenhoso:

—Se amanhã me conduzirem ao patibulo, essa mesma multidão cobrir-me-ha de improperios.

### Antes turco que castelhana

Por occasião da invasão dos castelhanos e perda da nacionalidade, o embaixador de Portugal em França recusou prestar obediencia a Philippe, accrescentando, quando o intimaram a prestar homenagem á nova dynastia, que antes se entregaria ao turco, que a Castella. Perguntada a razão, respondeu:

—Porque na Turquia se perseverar na fé far-me-hão martyr e se renegar far-me-hão báchá; e em Castella nem báchá nem martyr.

### Vem conquistar a Hespanha?

Mandou D. João III um fidalgo portuguez a cumprimentar da sua parte o imperador Carlos V, seu cunhado, que tinha chegado á Hespanha de volta da Italia.

O fidalgo levou comsigo vinte pagens e criados para sustentar o esplendor da sua côrte. Entrando em Badajoz com esta gente, lhe perguntou por mofa o governador castelhanao:

—Vindes conquistar a Hespanha?

Respondeu o fidalgo portuguez:

—Não senhor, se a isso viesse traria menos portuguezes.

### Lingua maldizente

Visitando o imperador José II as cadeias de Vienna d'Austria, foi-lhe apresentada uma certa baroneza, que estava reclusa por fallar mal d'elle. O ministro que acompanhava o imperador lembrou que essa mulher merecia degredo pelo seu grande crime. O imperador contrariou:

—Deus me livre, se a mandasse degredada iria dizer mal de mim para outra parte.

\*\*\*

Melhor é ter ao pequeno por amigo do que ao grande por inimigo.—*Platão*.

Pague o ceu o que eu não posso, reconhecido, agradecer.—*Ovidio*.

TITO FLAVIO.

